

DOIS BRASIS E A EDUCAÇÃO EM SÃO BERNARDO

Two Brazil and education in "São Bernardo"

Alan Oliveira Machado

Universidade Estadual de Goiás – UEG

alan.machado@ueg.br

Resumo

Este artigo busca ler a obra **São Bernardo**, de Graciliano Ramos, a partir das reflexões sobre a cultura brasileira e a educação presentes na obra **A educação entre dois mundos** (1958), de Fernando de Azevedo. Tenta assim mostrar como a obra de Graciliano Ramos, publicada em 1933, no âmbito ficcional, desenha perfis culturais moldados nas concepções distintas de educação e de formação a que se refere Azevedo, mostrando um painel social fiel ao Brasil da época. Nesse sentido, **São Bernardo**, de Graciliano Ramos, romance ambientado em uma fazenda da zona rural brasileira, nos anos de 1930, pinta um painel da conjuntura político social da época, que se aproxima das observações feitas por Fernando de Azevedo sobre o Brasil daquele momento, calcadas na perspectiva de que a compreensão do País poderia ser alcançada mediante o estudo das relações mais particulares praticadas nas vilas do interior, nas relações familiares, nos costumes locais e nas relações de trabalho ali desenvolvidas. Num sentido geral, Azevedo fala de um país de dimensões continentais mergulhado em condições de desenvolvimento social primárias em tensão com um país em processo de industrialização. Uma nação que sofria mudanças e resistia a elas, portanto, dividida em duas realidades sociais e políticas.

Palavras-chave: *São Bernardo*. Educação. Cultura. Fernando de Azevedo.

Abstract

This article aims to analyze the book *São Bernardo* (Graciliano Ramos, 1979), from the reflections on Brazilian culture and education present in a book of Fernando de Azevedo: *A educação entre dois mundos* (1958). It tries to show how the work of Graciliano Ramos shows the cultural profiles molded in the distinct conceptions of education and formation, according to Azevedo. *São Bernardo* is a novel set in a farm in the Brazilian countryside in the 1930s, which demonstrates the social political conjuncture of the time, also analyzed by Azevedo. This author believes that the understanding of the peoples's behavior can be achieved by studying the private relationships, in the villages, the families and the local behavior. In general, Azevedo discuss about a country with continental dimensions, where the conditions of social development are far away of the industrialization process. Therefore, it's a whole country divided into two social and political realities.

Keywords: *São Bernardo*. Education. Culture. Fernando de Azevedo.

Introdução

A expansão do Brasil e sua inevitável entrada, aos poucos, no mundo capitalista industrializado pôs em crise um modelo social moldado sob uma cultura rural, ao longo de séculos, com quase nenhum acesso à educação formal. O estabelecimento de relações comerciais e a chegada de novos modos de produção e da mentalidade de consumo, vinculada a esses modos, abriu espaço para a discussão sobre a necessidade de formação educacional.

Na esteira das absurdas discrepâncias entre os moldes civilizacionais exigidos pelo mundo moderno e a realidade do vasto território brasileiro, com a maioria da população não alfabetizada e com a educação formal reduzida aos centros urbanos e limitada, ainda assim, a uma ínfima parcela da sociedade, geralmente filhos das elites latifundiárias e industriais, surgiram intelectuais como Fernando de Azevedo, entre outros, oriundos das classes abastadas do País, mas com formação cultural e senso crítico que lhes permitiam enxergar a precariedade pré-moderna em que se encontrava o Brasil e a necessidade de estender os benefícios educacionais a todos os brasileiros como forma de superar o atraso cultural e de propiciar o avanço do País para uma condição de nação capitalista desenvolvida.

No bojo da reflexão intelectual de Azevedo, é nítida a compreensão de que a educação é base para o progresso. E que, para isso, ela não deve ser mais compreendida nos moldes tradicionais, voltada tão somente aos estudos clássicos e a um pensamento distanciado da realidade. Numa reflexão direcionada pela influência do pensamento de Durkheim (PENA, 2010), ele consegue ver na vastidão territorial do Brasil uma multiplicidade de características e de singularidades que exigem um esforço mais complexo de compreensão e sobretudo uma prática educacional francamente ligada a essas realidades, condicionando e qualificando o fazer cotidiano de modo a que se atinjam melhores condições sociais, econômicas e culturais. Assim, para Azevedo: “Não se encontram diversos Brasis – Brasis de épocas diferentes, – viajando-se somente no espaço, isto é, deslocando-se o observador de uma região para outra, mas também numa mesma região e cidade” (AZEVEDO, 1958: 24)

Nesse sentido, a obra **São Bernardo**, narrativa ambientada numa fazenda do interior de Alagoas, oferece um painel das forças culturais e educacionais em tensão nos anos de 1930 e assim o faz pela composição das personagens, de suas formações educacionais, ações e da compreensão de mundo que daí possa ser vislumbrada.

Não desconsideramos que o que está em voga ao ler **São Bernardo**, apoiado em Fernando de Azevedo, é um pensamento liberal que, diante de um estado atrasado, vê a educação como um caminho para o trabalho e para a adequação do homem às regras de convivência social. A educação do espírito deve ser uma educação para o espírito coletivo no que tange a incorporar o educando às exigências da vida democrática e da produção de bens. É claro que no país dos anos de 1930, que serve de análise a Azevedo, com suas vastidões de atraso, esse pensamento está muito à frente da realidade. Trata-se de defender a educação como modo de preparação dos sujeitos para integrar e fazer funcionar uma nova ordem capitalista industrial que só teria sucesso com homens transformados pela educação e preparados para não reproduzir os modos atrasados. Nesse sentido, Azevedo traça o perfil cultural do brasileiro desde as marcas deixadas pelo colonizador português.

O Brasil de São Bernardo.

A Obra literária **São Bernardo**, de Graciliano Ramos, romance ambientado em uma fazenda da zona rural brasileira, nos anos de 1930, pinta um painel da conjuntura político social da época, que se aproxima das observações feitas por Fernando de Azevedo sobre o Brasil daquele momento, calcadas na perspectiva de que a compreensão do País poderia ser alcançada mediante o estudo das relações mais particulares praticadas nas vilas do interior, nas relações familiares, nos costumes locais e nas relações de trabalho ali desenvolvidas.

Num sentido geral, Azevedo fala de um país de dimensões continentais mergulhado em condições de desenvolvimento social primárias em tensão com um País em processo de industrialização. Uma nação que sofria mudanças e resistia a elas, portanto, dividida em duas realidades sociais e políticas.

São Bernardo nos mostra um microespaço político que, embora ficcional, reflete essas relações sociais e tensões que Azevedo aponta na conjuntura brasileira.

Publicado em 1933, é o segundo romance de Graciliano Ramos. A fábula da obra, a despeito da elaborada trama, conta com o narrador-protagonista, Paulo Honório, dono da fazenda São Bernardo, a qual conquistara por meio de muito esforço e de jogadas financeiras e negociatas nem sempre honestas. A fazenda parece retratar o Brasil da época: o conflito entre mundo rural precário, com lastros do escravismo e os ventos de modernidade trazidos pela industrialização; a concepção de educação cindida entre a mera sujeição a protocolos do poder e uma ação mais humanista; as relações de trabalho tingidas pela servidão, a necessidade de educação e as relações de classe, bem como o redirecionamento de interesses provocados pelas forças sociais tensionadas.

São Bernardo é escrito em primeira pessoa. Seu narrador é o próprio dono da fazenda que, atormentado pela memória, faz um balanço de toda a sua trajetória como dono do empreendimento e do modo como conduziu a vida e o trabalho de modernização do local. Suas memórias mostram a ambiguidade existente no País, identificada pela reflexão de Fernando de Azevedo, como uma tensão produzida pelo enfraquecimento do poder do velho mundo rural e suas oligarquias em virtude da ascensão da mentalidade industrial moderna, que começava a deslocar aquele poder e as decisões políticas para os grandes centros urbanos. A trama de **São Bernardo** faz aparecer também questões de resistência à mudança e ao desenvolvimento social baseado na educação, conforme Azevedo aponta em discussões como as desenvolvidas em **A educação entre dois mundos** (1958).

A existência desses dois mundos, o rural atrasado e o urbano industrial em desenvolvimento, apontada por Azevedo (1958), não indica necessariamente que eles estão em choque do ponto de vista político. A matriz de referência cultural que molda as identidades, para esse autor, é a mesma. Segundo o sociólogo, a cultura lusitana legou-nos dois modos de proceder socialmente. Desde a colônia havia os portugueses ignorantes e práticos, que enxergavam a vida com certo utilitarismo. Esses bem representados pelos homens e mulheres que deram continuidade à colonização do País, mergulhando nas matas do interior e sertão a dentro. Bandeirantes, garimpeiros, criadores de vilas e cidades. O outro tipo era a elite rural talhada mais para o mando do que para o trabalho. Azevedo nos dá conta de que:

Entre os elementos dessa cultura, será preciso, porém, distinguir e destacar, de um lado, o individualismo aventureiro e imperial, o

realismo e o sentido pragmático que caracteriza a cultura portuguesa e explica o êxito notável da colonização e povoamento de tão extensas regiões tropicais (...) e, de outro lado, a tradição do humanismo jesuítico que, implantada na metrópole, foi igualmente transportada pelos portugueses. Dir-se-iam duas tendências, coexistentes no interior de uma mesma cultura, mas atravessando camadas culturais superpostas, hierarquizadas: uma a dos descobridores, dos colonizadores, dos empreendedores, dedicados a atividades agrícolas e industriais (cana e açúcar), dos bandeirantes rudes e tenazes, dominados pelo espírito realista e pragmático, e com que se realizaram a conquista e a expansão territorial (...); e a outra a dos clérigos, legistas e doutores, em última análise, a das elites intelectuais em que os jesuítas deixaram a marca do tipo de formação humanística, transferidos por eles à colônia e em expansão durante três séculos. (AZEVEDO, 1958: 18).

A narrativa de Graciliano Ramos, já no início, aponta indiretamente o embate entre as “duas tendências, coexistentes no interior de uma mesma cultura” a que se refere Azevedo, a dois caminhos educacionais. A formação de Luis Padilha, personagem que perdeu a fazenda mediante truques de agiotagem e em função da vida boêmia e pouco objetiva e a formação de Paulo Honório, homem rude, dado a todo tipo de tarefa pesada. Padilha, representante do mundo rural em decadência, conforme o narrador, gastou parte da fortuna do pai fazendeiro em uma formação de doutor incompleta cujos principais ganhos foram uma escrita empolada e uma cadeira no grêmio literário. Tal como nos apontamentos de Azevedo, tem uma educação que não embute finalidade a vida humana, voltada para o culto a um beletrismo retórico distanciado da realidade e com pouca visão social prática. O próprio Luis Padilha refere-se a Paulo Honório como um homem prático, que entende da gestão moderna das coisas. Ele representa aquele perfil que Azevedo identifica nos tenazes, rudes e práticos desbravadores. Paulo Honório demonstra certa repugnância pelo estilo de vida de Luis Padilha e, com alguma ironia, destaca a finalidade que Padilha destina ao dinheiro que recebeu em troca da fazenda:

Padilha recebeu os vinte contos (menos do que o que me devia e os juros), comprou uma tipografia e fundou o “Correio de Viçosa”, folha política, noticiosa, independente, que teve apenas quatro números e foi substituída pelo “Grêmio Literário e Recreativo” no qual foi “aclamado sócio benemérito e presidente honorário (RAMOS,1979:19).

Como nos faz crer o narrador de **São Bernardo**, Luis Padilha tem o perfil da elite rural brasileira e, pela descrição dos gostos e interesses, encaixa-se perfeitamente no tipo de caráter que definia a elite intelectual do Brasil, caracterizada por Azevedo:

Em uma camada, o sentido prático da realidade e da ação, até o utilitarismo estreito e sem freios; em outra, na camada dos intelectuais (exceção feita aos missionários), a tendência à inação, a cultura livresca, à retórica, ao panegírico e às disputações. Entre uma e outra, separadas e distintas, como dois mundos diferentes e à parte, não se estabeleceu o regime de tensão, mas de acomodação, tornando-se impermeáveis às influências vindas de baixo essas elites que não brotavam do povo mas se formavam por assim dizer, como já se escreveu “nas incubadoras (dos colégios de padres), como se chocam ovos nas granjas modernas. Daí, dessa moldagem três vezes secular, a tendência à retórica, ao diletantismo e à improvisação; esse idealismo (utópico, diria Oliveira Viana) sem fundamentação social suficiente; o desamor pela ciência e pela técnica e o fato de que as camadas mais cultas, desenraizadas de seu próprio meio, sempre se obstinaram a desconhecer as necessidades vitais do país e continuaram, por longo tempo, a limitar suas atividades à política, às profissões liberais e à literatura (AZEVEDO, 1958: 18).

A formação de Padilha enquadra-se naquela cultura denunciada por Azevedo na classe dos intelectuais, filhos de grandes fazendeiros educados em colégios religiosos. Para Azevedo, a educação vigente, conforme destaca no manifesto de 1932: “tem as suas origens na ausência total de uma cultura universitária e na formação meramente literária de nossa cultura”(2015, p. 2). Já Paulo Honório, criado por uma negra pobre, inicialmente diarista na fazenda de que se tornou dono, apresenta credenciais que reforçam aquele perfil utilitarista apontado por Azevedo.

Como narrador, Paulo Honório, ao referir-se a seu domínio de conhecimentos dá os sinais do tipo de formação educacional que recebeu. Ao contrário dos de José Padilha, seus conhecimentos são inclinados ao trato da terra e à administração dos negócios: “O que é certo é que, a respeito das letras, sou versado em estatística, pecuária, agricultura, escrituração mercantil, conhecimentos inúteis neste gênero. Recorrendo a eles arrisco-me a usar expressões técnicas desconhecidas do público”. (RAMOS, 1979:10-11). Essa é a apreciação que faz Honório ao esbarrar nas dificuldades de expressão e escrita surgidas no momento em que começa a pensar em registrar as memórias do livro que contaria a história da Fazenda São Bernardo. Pensou em recorrer aos préstimos literários de José Padilha e de outros, mas não sem lhes

criticar severamente o estilo e a artificialidade dos modos de escrever, vinculados inevitavelmente à formação que receberam nos colégios religiosos.

Dois mundos e uma só cultura.

Desde as primeiras páginas de **São Bernardo**, a luta desenhada por Ramos é entre as duas características que Azevedo aponta como herança portuguesa no Brasil. Segundo Azevedo (1958), as duas forças tendem a se acomodar. E é exatamente isso que vemos no ambiente de **São Bernardo**. Padilha, outrora fazendeiro, dono da referida propriedade, perde-a para Paulo Honório que o contrata, em seguida, como professor da escola da fazenda. O ex-fazendeiro não abre mão dos modos da classe a que pertence, mas sujeita-se, falido que está, aos maus tratos de Paulo Honório em troca do mísero salário de professor estipulado pelo novo dono da fazenda.

O mesmo ocorreu com seu Ribeiro, contador da fazenda São Bernardo, antes, próspero fazendeiro que foi à falência devido, segundo o narrador, a não se adequar à modernidade: “Tenho a impressão de que o senhor deixou as pernas debaixo de um automóvel, seu Ribeiro” (RAMOS, 1979: 38). Vemos, assim, por um momento, a elite intelectual e de mando submetida ao fazendeiro rude, pragmático e que declaradamente a repudia nos gostos e costumes, quando das constantes visitas à São Bernardo. E assim o faziam o dono do jornal *Cruzeiro*, Azevedo Gondim, o advogado João Nogueira, o padre Silvestre para se aproveitarem da fartura e prosperidade ali presentes: jantares e vinhos e cervejas. Mas numa simbiose, o dono da fazenda se aproveitava por outro lado dos serviços do proprietário do jornal **Cruzeiro**, da influência do padre e do advogado.

A escola

Para o espírito pragmático de Paulo Honório, a escola era uma desnecessidade. Na verdade, as pessoas nas condições precárias em que viviam tornavam-se mais fáceis de dominar. Quando da visita do governador à fazenda São Bernardo, o dono demonstra o leque de benefícios que o coloca muito adiante dos fazendeiros locais, vivendo no mesmo esquema antigo. A fazenda São Bernardo se beneficia daquele espírito pragmático desbravador e utilitarista a que se refere Fernando de Azevedo, aliado óbvio

a uma ganância capitalista cuja visão é a do lucro a qualquer custo. Quando o governador pergunta sobre a escola inexistente na fazenda, Honório simplesmente pensa: “Escola! Que me importava que os outros soubessem ler ou fossem analfabetos”? (RAMOS, 1979: 45). Entretanto, vendo que a escola era um interesse do governador, tomou providências para que se improvisasse algo. Convidou o Padilha para o serviço, simplesmente porque percebeu a possibilidade de obter benefícios do governo com tal atitude, como diz Paulo Honório, “A escola seria um capital”, (RAMOS, 1979: 45).

Resta claro que o perfil de Paulo Honório não é o de um homem de visão social. Incorporou o discurso moderno, viu na modernidade capitalista possibilidades de sobressair aos outros e de se fazer. A todo momento, dá mostras da decadência daquele modelo rural e anuncia seu vínculo aos novos ventos modernos, entretanto, acomoda em seu comportamento os piores valores sociais do mundo rural: o despreço pelas pessoas, a violência, o gosto pelo mando ao estilo escravocrata e a exploração impiedosa da força de trabalho. Pessoas só têm algum valor para ele se tiverem alguma utilidade, se renderem lucro, como podemos constatar na seguinte passagem:

Outra coisa, continuou Madalena. A família de mestre Caetano está sofrendo privações.

- Já conhece mestre Caetano? perguntei admirado. Privações, é sempre a mesma cantiga. A verdade é que não preciso mais dele. Era melhor ir cavar a vida fora.

- Doente...

- Devia ter feito economia. São todos assim, imprevidentes. Uma doença qualquer, e é isto: adiantamentos, remédios. Vai-se o lucro todo.(RAMOS, 1979: 96)

Mestre Caetano é o trabalhador mais velho da São Bernardo, explorado até as últimas forças e, ainda assim, passando necessidades e prestes a ser descartado pelo dono da fazenda, como algo sem serventia. O raciocínio de Paulo Honório vai de encontro à compreensão humanista da esposa Madalena. E, se formos observar, ressoa ainda hoje no discurso de patrões como véu ou desculpa para a violação de obrigações e de direitos trabalhistas: “Devia ter feito economia. São todos assim, imprevidentes”. Explora-se a força de trabalho da forma mais selvagem e no fim das contas, acusa-se o explorado, já quase indigente, de não ter economizado, de ser imprevidente.

Não apenas pessoas podemos observar na conjunção da modernidade de fazenda São Bernardo com práticas de exploração grosseira e violência. A verdade é que quando incorpora elementos aparentemente modernos no universo de sua fazenda, Paulo Honório o faz tão somente pelos ganhos que poderá ter. É o que deixa transparecer quando da visita do governador a São Bernardo: “E fui mostrar ao ilustre hóspede a serraria, o descaroador e o estábulo. Expliquei em resumo a prensa, o dínamo, as serras e o banheiro carrapaticida. De repente supus que a escola poderia trazer a benevolência do governador para certos favores que eu tencionava solicitar” (1979,p. 44).

É perceptível, levando-se em consideração a descrição feita pelo narrador, que se trata de uma propriedade representativa dos novos ventos capitalistas, pela lista de empreendimentos realizados e mostrados ao governador. Mas o elemento que cobra Fernando de Azevedo, em sua reflexão sobre os dois mundos em que se divide o Brasil, que é a educação, como modo de transformação, na ressignificação do mundo, em direção a uma sociedade moderna e democrática, aparece em São Bernardo, na compreensão do personagem Paulo Honório, como uma inutilidade e, naquele momento, apenas como um artil político para obter benefícios do poder. Nessa perspectiva, ela, a educação, jamais será pensada como motor de desenvolvimento.

Ao que nos indica Azevedo, pelas precárias condições de analfabetismo e desenvolvimento econômico em que se encontrava o País, onde a elite e as camadas populares estão divorciadas em termos de realidade, é mais favorável a essa elite se rebaixar ou fingir rebaixamento para atrair a massa e mantê-la sob domínio do que promover o crescimento por meio da elevação cultural mediante a popularização e qualificação da educação:

a tendência da demagogia é ou *não cultivar-se*, deixar-se inculta e ignorante, ou *afetar*, para atrair as massas, desprezo pela cultura e descer ao nível delas. É sempre mais fácil e certamente mais prudente do que educá-las e dar-lhes plena consciência de si mesmas... Se se esforçassem por elevar o nível de cultura das massas, por certo se arriscariam a perder sobre elas a influência que conseguem exercer, atuando sobre essa matéria política tão maleável como é a massa instinta e afetiva. (AZEVEDO, 1958: 32)

Até então, Paulo Honório, na condição de representante de um dos dois tipos sociais em tensão e acomodação, faz, no jogo com o outro tipo, funcionar a economia a seu favor e repete no dia a dia as mesmas regras do jogo social atrasado no qual o País ainda está mergulhado nos anos de 1930 e do qual Fernando de Azevedo torna-se um perspicaz e crítico leitor. Entretanto, no que se refere à educação e à prática política, aparece um elemento perturbador na narrativa de **São Bernardo**. Esse elemento é a personagem Madalena, professora preparada em escola normal e com dotes intelectuais e inclinação humanista de combate às brutalidades que grassam na estrutura social. Madalena torna-se esposa de Paulo Honório e sua chegada à fazenda incute contrariedade e suspeitas no marido. Primeiro, porque, como professora, esclarecida, Madalena exige que as atividades da escola tenham o mínimo de dignidade pedagógica.

Assim, o trabalho improvisado do Padilha é questionado. De entrada, a professora tenta devotar ao trabalho com a educação dos filhos dos trabalhadores uma preocupação maior que o improvisado. É possível constatar isso quando o narrador descreve a primeira intervenção de Madalena: “Foi à escola, criticou o método de ensino do Padilha e entrou a amolar-me reclamando um globo, mapas, outros arreios que não menciono porque não quero tomar o incômodo de examinar ali o arquivo” (RAMOS, 1979: 107). A ação da professora produz uma reação em Paulo Honório mais uma vez levando o fazendeiro a deixar transparecer a visão que tem sobre a necessidade de educação: “O que agora me importunava eram as caixas com o material pedagógico inútil nestes cafundós. Para que aquilo? O governador se contentaria se a escola produzisse alguns indivíduos capazes de tirar o título de eleitor” (RAMOS, 1979: 109).

O segundo ponto de tensão que a presença de Madalena produz na fazenda São Bernardo é motivado pela sua visão humanista, de tendência comunista. Para a personagem, ao que se percebe, uma distribuição equitativa da riqueza e o respeito aos direitos dos trabalhadores era ideal. Já nos primeiros dias de vida na São Bernardo, a professora se pôs a visitar as casas das famílias dos trabalhadores e se horrorizou com o abandono e a pobreza a que são submetidos: “As casas dos moradores, lá embaixo, também são úmidas e frias. É uma tristeza” (RAMOS, 1979, p. 163).

Nessa tensão entre o universo de Paulo Honório e o de Madalena observamos aquilo que Azevedo destacou como o pior da condição brasileira: o divórcio entre o

povo e as elites. Internamente, como nos faz crer Azevedo (1958: 18), as elites se dividem em duas formações distintas, mas que se reconhecem e se alimentam, malgrado as divergências, numa espécie de acomodação social e cultural. Entretanto, esse bloco dual converge sem muito atrito quando se trata de reconhecer as massas, o povo, como unidade e multiplicidade cultural constitutiva das forças fundadoras do País. Mantem, portanto, um distanciamento asséptico e uma indiferença nefasta:

O que possuímos, foi sempre uma elite altamente cultivada e instruída (como no império), mas flutuando como uma pequena minoria na massa informe e caótica de um povo abandonado à sua sorte, mergulhado na ignorância (...) e dominado pela miséria física e social em várias e extensas regiões. Em largo período de nossa história (e é certo que está longe ainda de ser superado) não é somente o dissídio entre o homem do litoral e o do sertão, entre a vida urbana e a vida rural, o que se constata, mas também o divórcio entre as elites e o povo. (AZEVEDO, 1958: 29)

Desse modo, entendemos que Madalena intervém naquele universo de acomodação de forças contrárias das elites fazendo aparecer justamente o que aquele bloco ignora ou, por conveniência, finge ignorar. É curioso constatar que tal como o marido Paulo Honório, Madalena é oriunda das camadas pobres, desse povo esquecido. Isso nos faz pensar que o acesso à educação formal humanista conquistado por ela, ao contrário da que o marido adquiriu informalmente, na cadeia, como disse, lendo abecedário, manuais agrícolas e a Bíblia, a faz perceber-se como parte daquele povo excluído e ignorado e suas ações no correr da narrativa o tempo todo força a principal vítima desse divórcio, o povo, aparecer e incomodar a elite. Os trabalhadores, tratados como animais e máquinas, são arrastados para a consciência do narrador Paulo Honório acirrando nele um conflito insuportável. Fazendo o dono da fazenda externar e tentar justificar os piores atos contra do povo:

- Como tem coragem de espancar uma criatura daquela forma?
- Ah! Sim! por causa do Marciano. Pensei que fosse coisa séria. Assustou-me.
Naquele momento não supus que um caso tão insignificante pudesse provocar desavença entre pessoas razoáveis.
- Bater assim num homem! Que horror!
Julguei que ela se aborresse por outro motivo, pois aquilo era uma frivolidade.

- Ninharia, filha. Está você aí se afogando em pouca água. Essa gente faz o que se manda, mas não vai sem pancada. E Marciano não é propriamente um homem.
- Porquê?
- Eu sei lá. Foi vontade de Deus. É um molambo.
- Claro. Você vive a humilhá-lo.
- Protesto! Exclamei alterando-me. Quando o conheci, já era molambo.
- Provavelmente porque sempre foi tratado a pontapés.
- Qual nada! É molambo porque nasceu molambo. (RAMOS, 1979: 109-110)

No confronto entre Madalena e Paulo Honório vê-se o pouco preço que este destina aos trabalhadores pobres de sua fazenda. Quando não os animaliza para justificar suas atitudes violentas, ele os objetifica. No caso acima, o peão Marciano vira um molambo. Desumanizado pelo patrão e pode então ser submetido a tratamento desumano.

Se nos pusermos a observar hoje a realidade da maioria dos brasileiros, no que toca à educação e à capacidade de se sobressair neste País, ainda tomado de injustiças e de pobreza, ficaremos tentados a concluir que a lógica desenhada por Graciliano Ramos em **São Bernardo** não para de se repetir e norteia ainda em nossos dias a relação da elite com o povo. A elite atual também não se reconhece no povo e, pior, reduz a sociedade brasileira ao inventário pobre de seus gostos e feitos. Felizmente, temos um pouco mais de Madalenas atuando e fazendo vir à tona o disparate dessa relação segregada em todos os sentidos persistente no País.

A educação de Madalena não se coaduna com a de Paulo Honório, a de Padilha e a dos demais personagens que participam do universo escolarizado de **São Bernardo**. O fato de ir direto ao povo, enxergar seu abandono, a violência e a brutalização de que é vítima e mobilizar-se para socorrê-lo e trazê-lo para uma condição mais humana a coloca do lado da maioria esquecida no divórcio irracional a que se refere Azevedo. E quando assim o faz, traz para a ordem do dia a verdadeira cisão do Brasil em duas realidades distantes campeando as vastidões de um mesmo País.

Conclusão

Graciliano Ramos, antes de ser um grande escritor, foi membro do Partido Comunista, condição pela qual amargou anos nos cárceres do estado varguista. Foi

prefeito de Palmeira dos Índios, em Alagoas, e conviveu muito de perto com as engrenagens da política nacional. É impressionante notar que ele consegue, pela ficção, captar a alma contraditória da cultura brasileira. A ruína de uma elite e a ascensão de outra plasmada em valores negativos semelhantes com respeito à maioria, mas com um pragmatismo capitalista que vai se articulando com os antigos pilares de poder, como a igreja e a política, para se impor com a roupagem da modernidade na defesa das mesmas mesquinhas. No tabuleiro do personagem Paulo Honório, as peças só se movem quando há lucro garantido ou preservação da propriedade privada. Na fazenda São Bernardo grassam as mais atrasadas relações de trabalho e de respeito ao ser humano. A única formação educacional que se lança, como práxis, na direção dos excluídos ali é a de Madalena. Talvez por isso a voz dela se aproxime mais da do autor do romance.

Importante destacar que, sendo Madalena oriunda dos extratos pobres da população, é possível que a educação a tenha feito enxergar o absurdo da relação de poderes que se impõe sobre uma maioria, mantendo-a passivamente sob a indignidade da exploração. Isso seria o mais próximo que se poderia chegar da hipótese de Azevedo, para o qual o acesso massivo à educação contribuiria para o progresso social, cultural e material da humanidade. Ocorre que esses dois Brasis que ele denuncia regem o nosso presente e a educação, mesmo que contemplada pela Carta Magna como direito de todos e obrigação do Estado, enfrenta ao longo das décadas um silencioso processo de inviabilização.

O desprezo pela formação educacional e pela carreira docente é indisfarçável nas remunerações aviltantes desses trabalhadores, nas condições estruturais precárias das escolas e universidades e na pouca prioridade que recebem as políticas educacionais do País. As elites? Continuam as mesmas. Formam seus filhos no exterior ou nos grandes centros de excelência educacional das metrópoles, reproduzindo o mesmíssimo caminho que divide o Brasil entre a maioria excluída e pobre e minoria que explora e comanda a distribuição das riquezas de forma fabulosamente desigual.

Nas posições de comando da atualidade, seja nas grandes empresas, conglomerados de comunicação, indústrias etc. possivelmente encontraremos uma mescla de Paulo Honório e José Padilha promovendo o mesmo jogo de domínio, perpetuação no poder e exploração desmedida. Infelizmente, ainda é abundante nesses

espaços a mentalidade daqueles que não se constroem com a violência policial, com o analfabetismo, com a violência contra mulheres e crianças, com o trabalho escravo e com toda sorte de desvios de recursos destinados à saúde, à educação e à cultura, entre outras coisas.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Fernando de. **A educação entre dois mundos: problemas, perspectivas e orientações**. São Paulo: Melhoramentos, 1958.
- MANIFESTO DOS PIONEIROS DA EDUCAÇÃO NOVA (1932). Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/22e/doc1_22e.pdf>. Acesso em 18 jul. 2015.
- NASCIMENTO, Alessandra Fernandes. **Fernando de Azevedo: dilemas na institucionalização da Sociologia no Brasil**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.
- PENNA, Maria Luiza. **Fernando de Azevedo**. Coleção Educadores. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.
- RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. São Paulo: Record, 1979.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2000.

Alan Oliveira Machado

Possui graduação em Letras pela Universidade Federal de Goiás (1998) e mestrado em Estudo de Linguagens pela Universidade do Estado da Bahia (2009). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Linguística, Discurso, Argumentação e Produção Textual, atuando principalmente nos seguintes temas: argumentação e linguagem, Análise do Discurso, linguagem e psicanálise, semântica, estilística. Desenvolve pesquisa de doutorado em Linguagem e Psicanálise pela FE-UFG.

Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4231965D7>

Artigo Recebido em Março de 2018.
Artigo aceito para publicação em Maio de 2018.